

*A Camareira*





Colecção Arco-íris

# *A Camareira*



**WIND ROSE**

**VIRA LETRA**

© 2016 por **Wind Rose**

A reprodução de parte ou do todo do presente texto, em qualquer meio físico ou eletrônico, é expressamente proibida sem a autorização prévia por escrito da editora, conforme garantido pela Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Rose, Wind

A camareira / Wind Rose. – Franca: Editora Vira Letra, 2016

260 p.

ISBN: 978-85-910000-7-4

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDD: 869.93

---

À Célia Tapety pela “força maior”, mas principalmente pela amizade.

À Manuela Neves pela paciência e maravilhosa parceria.

À Carla Gentil pela bela e gentil apresentação.

A toda leitora e leitor que, pessoalmente ou pelas redes sociais, incentivaram essa publicação.

À Diedra Roiz, meu amor, por sonhar, planejar, concretizar... Ao meu lado (às vezes, à frente, me puxando).



Por Carla Gentil

Tão pregada na parede, tão sufocada, tão... Sem saída. Como se em um quarto onde as paredes vão se movendo, apertando e não há para onde fugir, tudo o que Carmen precisava era uma janela, uma alternativa para fugir de sua vida tão sombria quanto o uniforme que vestia diariamente.

Vestido escuro, como os abusos que sofria nas mãos de um erro da juventude e que a perseguiriam para sempre. Avental branco, paradisíaco, como o idílio dos quartos onde entrava. Atrás de cada porta, uma vida que em nada ela reconhecia, o rodízio frequente dos hóspedes tornava tudo ainda mais impessoal, ela limpava banheiros com perfumes inacessíveis e arrumava camas que embalavam sonhos impossíveis.

Como uma valsa, do lado oposto do salão, a vida de Andréa fluía ao ritmo do vasto mundo dos abastados, um universo de oportunidades, de brilho, de fausto, que nada mais pode exigir do que uma parte ínfima do ser.

O vazio de Andréa, o excesso de Carmen, os opostos que se atraem e que se completam, tirando a realidade de tudo, tornando todas as coisas diferentes.

Nada mais é reconhecível, tudo parece possível, nem que seja apenas por um instante.

Mas a realidade cobra seu preço, exige seu espaço e o que pede pode estar muito além das forças.

# ÍNDICE

---

CAPÍTULO I	11
CAPÍTULO II	17
CAPÍTULO III	37
CAPÍTULO IV	49
CAPÍTULO V	63
CAPÍTULO VI	73
CAPÍTULO VII	89
CAPÍTULO VIII	99
CAPÍTULO IX	111
CAPÍTULO X	119
CAPÍTULO XI	125
CAPÍTULO XII	133
CAPÍTULO XIII	143
CAPÍTULO XIV	157
CAPÍTULO XV	167
CAPÍTULO XVI	183
CAPÍTULO XVII	187
CAPÍTULO XVIII	201
CAPÍTULO XIX	213
CAPÍTULO XX	229
CAPÍTULO XXI	241



Os vidros embaçados não permitiam que eu enxergasse onde estava. Tentava em vão olhar para fora e reconhecer os prédios, até que consegui identificar o imponente hotel ao longe. Rapidamente puxei a corda para o motorista parar e fui abrindo caminho entre os passageiros. Desci do ônibus debaixo de uma chuva torrencial. Atravessei a rua correndo e entrei no hotel. Passei pela entrada de serviço e fui imediatamente trocar de roupa no vestiário. Encontrei Marta e Cíntia, camareiras como eu, já uniformizadas e saindo em direção à cozinha.

– Atrasada de novo! Não sei não, senhorita Carmem... Assim não vai durar muito. O senhor Joaquim é muito exigente, principalmente quanto aos horários. Já estive aqui duas vezes perguntando por você.

– Você não dá folga, Marta... Dá um tempo para ela – falou Cíntia, antes que eu pudesse me justificar de forma rápida e contrariada:

– Droga! Dona Marta, perdi o ônibus... Não foi culpa minha e, além do mais... – Não terminei a frase, pois a

parte “a senhora não tem nada com isso” ficou engasgada quando o senhor Joaquim, um dos subgerentes do hotel, interrompeu de forma imponente:

– Ah! Muito bem... Chegou, senhorita? Qual a desculpa desta vez? Convença-me!

Mudei o tom e o olhar, precisava daquele emprego.

– Desculpe-me, senhor... Perdi o ônibus e, com essa chuva e o congestionamento, não consegui chegar. Por favor...

Meu olhar e minhas palavras foram de súplica:

– Eu não posso perder esse emprego e...

Meus olhos ficaram úmidos e, antes que eu terminasse a frase, ele interrompeu sem paciência:

– Está certo, está certo... Também precisamos de você, o hotel está lotado. Mas que seja a última vez! – Saiu batendo a porta.

Apesar de demonstrar uma autoridade exagerada, era compreensivo. Já havia mostrado isso em outras situações.

\*\*\*

Em uma das suítes no décimo andar, Andréa abriu as cortinas que davam acesso à ampla varanda, com uma das vistas mais lindas da cidade de Florianópolis. Sentiu a brisa do mar em seu rosto e uma alegria imensa a invadiu. Nem a chuva poderia apagar o brilho daquele dia.

Estava de volta à cidade que amava. Fora nela que passara e vivera grande parte dos melhores momentos da vida... Estudou, fez amigos, encontrou Fernanda, seu primeiro amor... Depois vieram outros e outros e mais outros, pois sempre acreditou em amores eternos enquanto duram. Um suspiro e um sorriso a trouxeram de volta ao quarto onde, na cama, uma linda loura bronzeada a olhava sonolenta.

– Bom dia... Senhora Andréa, já está de pé? Cansou de mim? – zombou.

– Não... Quero dar uma volta na cidade, combinei com Paula – respondeu carinhosamente para a mulher que a provocava deslizando o lençol no corpo e reclamava por mais atenção de forma rouca e sensual:

– Paula? Terá tempo pra ela... Desde que chegou vocês não se desgrudam... É cedo... A Paula espera, vem aqui...

Andréa olhou para ela sorrindo, com a certeza que não devia e tampouco iria resistir:

– Vou... Mas antes vou pedir um café, espera? Assim como está...

– Não vou a lugar algum.

\*\*\*

– Senhorita Carmem, por favor, leve o café da manhã na suíte da senhora Andréa Alcântara... Ela solicitou que seja servido na varanda. Você pode entrar, servir e sair, entendeu?

– Claro, senhor Joaquim... Estou indo – respondi e me dirigi, rapidamente, à cozinha.

Parei na porta da suíte e a abri devagar, não queria perturbá-la caso estivesse dormindo. Entrei sem fazer barulho e empurrei o carrinho até a varanda. Coloquei-o próximo à mesa e, aos poucos, fui organizando o farto café da manhã. Dirigi-me à porta... Mas algo me deteve.

Ouvi sussurros e vozes vindos do quarto, a porta estava apenas encostada. Tive a clara impressão de ouvir mulheres... Gemidos.

Não devia ter feito isso, mas foi mais forte que eu. Fui me aproximando, minha razão me mandava sair imediatamente dali, mas alguma força maior me fazia caminhar em direção àquela porta.

Olhei através do pequeno espaço aberto e vi o enorme espelho na parede. Refletido nele, a cena mais linda que meus olhos já viram.

Senti um arrepio percorrer minhas costas, a excitação imediatamente tomou meu corpo, minhas mãos, minha nuca... Fiquei imóvel, não sei por quanto tempo. Saí do transe no momento em que elas se afastavam uma da outra, exaustas. Dei um passo para trás, depois outro e outro... Até chegar à porta, abri e saí. Esqueci o carrinho...

Durante aquele dia, não consegui tirar a cena de minha mente. Nunca imaginei que ficaria tão... Excitada? Vendo duas mulheres na cama. Lindas... A loura, de

cabelos compridos, sobre a outra. Cavalgando, esfregando-se de forma sedutora. A morena segurando-a pela cintura, dando ritmo ao movimento, trazendo-a para si... Depois, ela tomou um dos seios com os lábios e continuou a puxá-la mais para si. Penetrou-a. Os movimentos se intensificaram até que as duas...

“Como vou esquecer isso? Nunca!”, pensava durante o trajeto para casa, no ônibus. Qual delas será Andréa?

Em casa, me deparei com minha realidade. Henrique dormindo embriagado e a casa em estado deplorável: a pia cheia de louças, garrafas vazias na mesa, no chão. Não aguentava mais aquela situação, precisava resolver isso o mais rápido possível.

Fazia muito tempo que o amor que eu um dia senti por ele se transformara em outra coisa. Todo o romantismo, a paixão, as promessas... Tudo aquilo que um dia sonhei em viver ao lado dele havia ficado pelo caminho. Vivíamos juntos havia cinco anos e, nos últimos dois, tive que conviver com traficantes, bêbados, viciados, bandidos e ainda aguentar suas agressões.

Tinha que dar um basta! E esse emprego seria a salvação, logo teria condições de ir embora.

Estava trabalhando no hotel havia quatro meses. Depois de passar por diversas lojas e empregos temporários, tinha conseguido algo razoavelmente melhor... O salário não era ruim e gostava do trabalho, embora fosse cansativo.

Até os dezoito anos, vivi em um orfanato. Meus pais morreram quando eu ainda era criança. Depois, morei durante um ano com uma senhora idosa. Eu prestava serviços de acompanhante e cuidava da casa.

Nessa época, conheci Henrique, cheio de planos e promessas... Apaixonei-me e decidimos morar juntos. Foi meu primeiro namorado.

Estava agora com vinte e quatro anos, e então percebi que minha vida não tinha sentido, já tinha dedicado muito tempo àquela relação vazia.

Olhei para ele, para a casa... Suspirei.

Resolvi tomar um banho e ir para a cama... Deixei para arrumar e limpar a casa no outro dia, pois seria minha folga semanal. Fui deitar me lembrando daquelas imagens que havia presenciado. Meus pensamentos reproduziram em detalhes aquela cena inusitada e logo adormeci.